

ADOLFO BIOY CASARES

Dormir ao Sol



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

por
LUCIO BORDENAVE

I

Com esta faz três vezes que lhe escrevo. Caso não me permitam acabar, deixei a primeira carta num sítio que eu cá sei. Amanhã, se quiser, posso recuperá-la. É tão breve e escrevi-a com tanta pressa que nem eu a entendo. A segunda, que não é muito melhor, mandei-a por uma mensageira, chamada Paula. Como não tive sinais de vida seus, não vou insistir com mais cartas inúteis, que no melhor dos casos o indispõem. Vou contar-lhe a minha história desde o princípio e farei por ser claro, porque necessito que me entenda e me creia. A falta de tranquilidade é a causa das rasuras. A cada momento me levanto e encosto a orelha à porta.

Decerto há-de perguntar: «Porque não manda o Bordenave as suas notas a um advogado?» Com o doutor Rivaroli só lidei uma vez, mas ao Gordo Picardo (a quem o digo!) conheço-o desde sempre. Não me parece de fiar um advogado que, para tratar de apostas e esquemas, tem o Gordo como intermediário. Ou então talvez pense: «Porque me envia ele a mim estas notas?» Se alega que não somos amigos, dou-lhe razão, mas também lhe peço que se ponha no meu lugar, por favor, e me diga a quem poderia eu enviá-lo. Depois de percorrer mentalmente os meus amigos — descartando Aldini, porque o reumatismo o entorpece —, elegi o que nunca o foi. A velha Ceferina costuma dizer: «Nós, que vivemos numa viela, temos casa dentro de uma casa maior.» Quer ela dizer com isto que todos nos conhecemos.

Decerto nem se lembra de como começou a disputa.

O pavimento, que chegou em 51 ou 52, como que derrubou uma cerca, por assim dizer, e abriu a nossa viela à gente de fora. É notório como tardamos em convencer-nos da mudança. Você mesmo, num domingo à hora da oração, apreciava na maior tranquilidade as gracinhas que a filha do merceeiro fazia na bicicleta, como se fosse no quintal da própria casa, e ofendeu-se comigo por eu ter gritado à criatura. Não o culpo por ter sido mais rápido em ofender-se e em insultar-me do que em ver o automóvel que quase a atropelava. Limitei-me a olhar para si feito parvo, à espera de uma explicação. Talvez lhe tenha faltado coragem para me travar e esclarecer, ou então pensou que o mais sensato fosse resignarmo-nos a uma desavença tantas vezes renovada que já se confundia com o destino. Porque na realidade a história da filha do merceeiro não foi a primeira. Foi como chover no molhado.

Já em garotos, você e o resto da malta, quando vos dava para aí, perseguiram-me. O Gordo Picardo, o mais velho do grupo (se não incluirmos o Rengo Aldini, que fazia de chefe e que mais de um domingo nos levou à bancada do Atlanta), uma tarde, voltava eu do casamento do meu tio Miguel, viu-me de gravata e para me ajeitar o nó quase me asfixiava. Outra vez, você chamou-me convencido. Perdoei-lhe porque pensei que me ofendia somente para alinhar com os outros, sabendo bem que me caluniava. Anos depois, um médico, que tratava da minha senhora, explicou-me que você e o resto da malta não me perdoaram o chalé com jardim de ruivas-bravas, nem a velha Ceferina, que cuidava de mim como uma ama e me defendia de Picardo. Explicações tão complicadas não me convencem.

Talvez a mais estranha consequência da nossa desavença por causa da filha do merceeiro tenha sido a ideia com que fiquei então, e da qual logo me convenci, de que você e eu havíamos chegado a um acordo para manter o que chamei de distanciamento entre nós.

Chego, por fim, ao dia do meu casamento com Diana. Pergunto-me o que terá pensado ao receber o convite. Julgou talvez ver aí uma manobra para romper esse acordo de cavalheiros. A minha intenção era, pelo contrário, manifestar o maior respeito e consideração pelo nosso mal-entendido.

Há uns tempos, numa tarde, à porta de casa, conversava eu com Ceferina, que lavava a calçada. Recordo perfeitamente que você atravessou a viela e nem sequer olhou para nós.

— Vão continuar com a zanga até ao Dia do Juízo Final? — perguntou Ceferina, com aquela voz que ressoa no céu da boca.

— É o destino.

— É a viela — retorquiu, e as suas palavras não me saíram da cabeça. — Uma viela é um bairro dentro do bairro. Na nossa solidão o bairro acompanha-nos, mas dá azo a atritos que provocam, ou acicatham, ódios.

Atrevi-me a fazer-lhe um reparo.

— Não são bem ódios — disse-lhe. — Desavenças.

Doña Ceferina é uma parente, pelo lado dos Orellana, que veio da província no tempo dos meus pais; quando me faltou a mãe, nunca mais nos deixou, foi governanta, ama, o verdadeiro pilar da nossa casa. No bairro chamam-lhe *o Cacique*. Não sabem é que esta senhora, para não ser menos do que muitos que a desprezam, leu todos os livros do quiosque do Parque Saavedra e quase todos os da pequena escola Basilio do Parque Chas, que fica ali mais perto.

II

Sei que alguns dizem que não tive sorte no casamento. Mais vale que os de fora não opinem sobre assuntos privados, porque em geral se enganam. Mas vá lá dizer-se ao bairro e à família que são de fora.

O carácter da minha senhora é bem mais difícil. Diana não perdoa qualquer esquecimento, nem sequer o entende, e se chego a casa com uma prenda inesperada pergunta-me: «Para te perdoar o quê?» Toda ela é manha e desconfiança. Qualquer boa notícia a entristece, porque logo supõe que para a compensar há-de vir outra má.

Também não nego que várias vezes a minha senhora e eu nos zangámos e que uma noite — receio que toda a viela tenha ouvido o alvoroço —, pensando a sério em ir-me embora, fui até Los Incas esperar o autocarro, que por sorte tardou e me deu tempo para reconsiderar. Provavelmente muitos casais conhecem semelhantes aflições. É a vida moderna, a velocidade. Posso dizer-lhe que a nós os azedumes e as diferenças não nos conseguiram separar.

Admira-me como as pessoas abominam a compaixão. Pelo modo como você fala, parte do princípio de que são de ferro. Se a vejo aflita pelas coisas que faz quando não está em si, sinto verdadeira compaixão pela minha senhora, e, por sua vez, a minha senhora tem pena de mim quando me amarguro por sua culpa. Acredite, as pessoas julgam-se de ferro, mas, quando lhes dói, cedem. Neste ponto, Ceferina parece-se com os demais. Para ela, na compaixão, só há fraqueza e desdém.

Ceferina, que me quer como a um filho, nunca aceitou inteiramente a minha senhora. Num esforço para compreender essa aversão, cheguei a suspeitar que Ceferina mostraria igual disposição com toda a mulher que se aproximasse de mim. Quando fiz esta observação, Diana retorquiu:

— Pago na mesma moeda.

As pessoas alimentam sobretudo os seus ódios. Confesso-lhe que em mais de uma ocasião, entre essas duas mulheres de bom coração, me senti abandonado e sozinho. O que me vale é que tinha sempre o refúgio da oficina de relojoaria.

Vou dar-lhe uma prova de que a má vontade de Ceferina com Diana era, no contexto familiar, um facto público e notório.

Numa manhã, Ceferina apareceu com o jornal e apontou-nos uma notícia solta que dizia mais ou menos isto: *Trágico baile de máscaras em Paso del Molino. Não desconfiou do dominó que tinha ao lado porque pensava que era a sua mulher. Era a assassina.* Estávamos tão quezilentos que bastou essa leitura para que armássemos uma discussão. Não vai acreditar, mas Diana deu-se por achada, eu tomei o partido dela, e a velha, é de loucos, pôs-se com o ar de quem diz «ora toma», como se tivesse lido algo comprometedor para a minha senhora ou pelo menos para o clube das esposas. Levei mais de catorze horas a perceber que o homem do baile não fora morto pela sua consorte. Não quis esclarecer nada, com medo de reacender a discussão.

Uma coisa fiquei a saber: é falso que as pessoas se entendem a falar. Dou-lhe como exemplo uma situação que se tem repetido um ror de vezes. Vejo a minha senhora deprimida ou aluada e, naturalmente, entristeço-me. Dali a pouco, pergunta:

— Porque estás triste?

— Porque me pareceu que não estavas contente.

— Já passou.

Vontade não me falta de responder-lhe que a mim não, que não sou tão ágil, que não passo tão rapidamente da tristeza à alegria. Quando muito, querendo ser carinhoso, acrescento:

— Se não queres entristecer-me, não te ponhas triste.

E é aí que ela se irrita.

— Então não venhas com a história de que é comigo que te preocupas — grita-me como se eu fosse surdo. — O que eu sinto pouco te importa. Queres é que a tua mulher esteja bem, para te deixar em paz. Estás muito interessado no teu próprio conforto e não queres que te chateiem. E, para cúmulo, és um vaidoso.

— Não te enerves, que ainda te aparece herpes no lábio — digo-lhe, porque sempre foi propensa a essas pequenas feridas que a incomodam e irritam.

Responde-me:

— Tens medo de que te contagie?

Não lhe refiro a cena para falar mal da minha senhora. Talvez até a conte contra mim. Enquanto oiço Diana, dou-lhe razão, embora por momentos duvide. Se por acaso assume a mais característica das suas posições — enfiada numa poltrona, agarrada a uma perna, a cara apoiada no joelho, o olhar perdido no vazio —, esfuma-se a dúvida, fico extasiado e peço perdão. Rendo-me completamente à sua forma e tamanho, à pele rosada, ao cabelo loiro, às mãos finas, ao seu cheiro e, sobretudo, àqueles olhos incomparáveis. Dirá que sou escravo; cada um é como é.

No bairro não se demoram a insinuar que uma senhora é madraça, ou de mau génio, ou leviana, mas ninguém se dá ao trabalho de perceber o que se passa com ela. Diana, está provado, sofre por não ter filhos. Um médico explicou-mo e uma médica muito despachada confirmou-mo. Quando Martincito, o filho da minha cunhada, um garoto insuportável, vem passar uns dias connosco, a minha senhora transforma-se, fica irreconhecível, é uma mulher feliz.

Como a tanta mulher sem filhos, os animais atraem-na especialmente. A ocasião em que isto se confirmou aconteceu há algum tempo.

III

Desde que perdi o emprego no banco, vou-me desenrascando na oficina de relojoaria. Por simples gosto aprendi o ofício, como há quem aprenda rádio, fotografia ou algum desporto. Não posso queixar-me de falta de trabalho. Como diz don Martín, com isto de não irem até ao centro, as pessoas arriscam no relojeiro do bairro.

Conto-lhe as coisas como se passaram. Durante a greve dos funcionários do banco, Diana deixou-se dominar pelos

ÍNDICE

Primeira Parte.....	7
Segunda Parte.....	177

Lucho Bordenave, relojoeiro amador, leva uma vida pacata e apagada até ao dia em que Diana, a sua bela e amada esposa, começa a comportar-se de forma estranha e tirânica. O internamento desta no misterioso Instituto Frenopático, que promete uma cura inovadora para os males psicológicos, porém, só vem piorar a vida de Lucho. Na ausência da mulher, a cadelinha que entretanto adopta, também de nome Diana, é o seu único consolo. Quando a sua esposa finalmente regressa a casa, já não parece a mesma pessoa. Será que os médicos do Instituto foram longe demais? Na tentativa de descobrir o que aconteceu verdadeiramente, sucedem as mais inusitadas peripécias que arrastarão Lucho para um inquietante emaranhado de almas e corpos que irão romper o fino véu que separa a realidade do imaginário e a lucidez do sonho e da loucura.

Reflexão sobre o amor e a identidade em forma de parábola, que combina humor e uma atmosfera alucinatória, *Dormir ao Sol* é um dos livros fundamentais de Bioy Casares e da literatura argentina.

«Por vezes dou por mim a condenar toda a minha obra,
mas só porque me esqueço de *Dormir ao Sol*, que talvez,
por si só, a justifique.»

Adolfo Bioy Casares

«Uma obra ao mesmo tempo simples e complexa
que suscita no leitor uma incerteza fecunda.»

La Repubblica



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f cavaloferro

ig penguinlivros

ISBN: 978-989-589-562-5



9 789895 895625